

Relacionamento garante céu de brigadeiro na imprensa

Um dos trunfos de Arruda, para chegar ao poder, foi o relacionamento habilidoso com a mídia. "Parceiro, se você fizer uma matéria sobre o Metrô, eu lhe dou um furo" (informação exclusiva), costumava propor aos repórteres, na época em que era secretário de Obras – exibindo o sotaque das Minas Gerais no erre do "parceiro".

No Senado, Arruda percebeu que conseguiria trânsito na chamada "grande imprensa" se soubesse cultivar ami-

zades com os jornalistas certos. E mostrou que havia aprendido, rapidamente, a regra não escrita do relacionamento dos políticos com alguns meios de comunicação: boas informações em troca de um bom tratamento. Além disso, sempre teve pelo menos quatro renomados e fiéis assessores de imprensa.

Aos colunistas, gostava de passar informações sobre os seus jantares com os outros senadores e com o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Era uma forma de demonstrar prestígio e ficar bem com pessoas estratégicas. Foi assim que, mesmo estando sempre à frente do cenário político, Arruda jamais havia recebido (antes do escândalo do painel eletrônico) maiores críticas da imprensa, como costuma acontecer naturalmente com todos os homens públicos.

Quando sentia que poderia haver alguma referência negativa ao seu trabalho, Arruda era bem menos diplo-

mático. Se necessário, telefonava para os chefes do repórter que estava escrevendo a matéria – usando a intimidade de quem jantava com eles no Piantella – e cobrava um bom tratamento. A estratégia costumava dar certo.

Quando algum leitor publicava cartas contra ele no jornal, mandava os assessores descobrirem se a pessoa existia mesmo ou se era laranja de algum adversário político. E não abria mão de saber os resultados das pesquisas de

opinião pública antes dos leitores.

Na ânsia de fazer média com os colunistas, Arruda chegava a cometer exageros. Certa vez, propôs que fosse identificada como de sua autoria, numa coluna, a seguinte frase: "No fim, tudo dá certo. E se não deu certo é porque o fim ainda não chegou". A citação foi publicada, mas depois descobriu-se que esta frase, na verdade, estava num dos livros de Fernando Sabino, famoso escritor mineiro.

Por sinal, Arruda também se arriscou na literatura, escrevendo uma biografia da mãe do cineasta Gláuber Rocha. O senador jura que ele mesmo foi o autor da obra, sem recorrer a *ghost-writers* (escritores-fantasma, contratados para escrever a obra). Mas ninguém o viu debruçado diante de uma máquina de datilografia. (E computador – segundo ele mesmo disse no Senado, na quarta-feira – Arruda nem sabe ligar...) (J.P.J.)